

## Segundos Cantos, de Gonçalves Dias

### Fonte:

DIAS, Gonçalves. *Os Timbiras : poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro : José Aguilar, 1959. p.209-255 : Segundos Cantos. (Biblioteca Luso-brasileira - Série Brasileira).

### Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### Texto-base digitalizado por:

Roberto Dauar – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## SEGUNDOS CANTOS Gonçalves Dias

### CONSOLAÇÃO NAS LÁGRIMAS

Como é belo à meia noite  
O azul do céu transparente,  
Quando a esfera d'alva lua  
Vagueia mui docemente,  
Quando a terra não ruidosa  
Toda se cala dormente,  
Quando o mar tranqüilo e brando  
Na areia chora fremente!

Como é belo este silêncio  
Da terra todo harmonia,  
Que aos céus a mente arrebatada  
Cheia de meiga poesia!  
Como é bela a luz que brilha  
Do mar na viva ardentia!  
Este pranto como é doce,  
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda  
Que enruga a face do mar,  
Que na terra passa e morre  
Sem nas folhas sussurrar!  
Os sons d'aéreo instrumento  
Quisera agora escutar,  
Quisera mágoas pungentes  
Neste silêncio olvidar!

O azul do céu, nem da lua  
A doce luz refletida,  
Nem o mar beijando a praia,  
Nem a terra adormecida,  
Nem meigos sons, nem perfumes,

Nem a brisa mal sentida,  
Nem quanto agrada e deleita,  
Nem quanto embeleza a vida;

Nada é melhor que este pranto  
Em silêncio gotejado,  
Meigo e doce, e pouco e pouco  
Do coração despegado;  
Não soro de fel, mas santo  
Frescor em peito chagado;  
Não espremido entre dores,  
Mas quase em prazer coado!

### CANÇÃO

Tenho uma harpa religiosa,  
Toda inteira fabricada  
De madeira preciosa  
Sobre o Líbano cortada.  
Foi o Senhor quem me deu,  
Se santas palmas coberta,  
Que as notas suas concerta  
Aos sons do saltério hebreu!

Tenho alaúde polido  
Em que antigos Trovadores,  
Em tom de guerra atrevido,  
Cantavam trovas de amores.  
Mas chegando a Santa Cruz,  
De volta do meu desterro,  
Cortei-lhe as cordas de ferro.  
Cordas de prata lhe pus.

Tenho tão bem uma lira  
De festões engrinaldada,  
Onde minha alma afinada  
Melindres d'amor suspira.  
Nas grinaldas, nos festões,  
Nas rosas com que s'inflora,  
Goteja o orvalho da aurora,  
Ditame dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzela,  
Só harpa, alaúde e lira;  
Nem vejo sorte mais bela,  
Nem coisa que prefira.  
Votei assim ao meu Deus  
A minha harpa religiosa,  
A ti a lira mimosa,  
O grave alaúde aos meus!

### LIRA

Se me queres a teus pés ajoelhado,  
Ufano de me ver por ti rendido,  
Ou já em mudas lágrimas banhado;  
Volve, impiedosa,  
Volve-me os olhos;

Basta uma vez!

Se me queres do rojo sobre a terra,  
Beijando a fimbria dos vestidos teus,  
Calando as queixas que meu peito encerra,  
Dize-me, ingrata,  
Dize-me: eu quero!  
Basta uma vez!

Mas se antes folgas de me ouvir na lira  
Louvor singelo dos amores meus,  
Por que minha alma há tanto em vão suspira;  
Dize-me, ó bela,  
Dize-me: eu te amo!  
Basta uma vez!

#### AGORA E SEMPRE

Ponham-me embora na crestada Líbia,  
Ou lá nas zonas em que o gelo mora  
Ali tua alma viverá comigo  
Ali teu nome!

Ponham-me em terras que leões só ceiam,  
Nas altas serras que o condor habita;  
Ali ainda viverá contigo  
Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,  
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha.  
Cortado o rosto de gelado vento,  
Mádida a coma:

Ali aos urros do leão sedento,  
Aos crebros gritos do condor alpestre,  
Ardendo em chamas d'este amor sem termo,  
Direi? Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha  
Escute embora sepultar-me em vida;  
Embora sinta roxear-me os pulsos  
Férreas algemas;

Embora malhos de tortura infame  
Quebrem-me os ossos no medroso equúleo:  
Agudos dentes de tenaz raivosa  
Mordam-me as carnes:

Nas feias sombras de cruel masmorra,  
Nos duros tratos da tortura bruta,  
Quer só comigo, quer em meio às gentes.  
Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a frágua ardente,  
Nem brutas feras, nem crueza humana  
Farão que eu sofra mais agudas dores,  
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,

Cinge-te o corpo em divinais carícias,  
Beija-te o colo, beija-te o sorriso,  
Goza-te e vive!

E eu no entanto esforço-me com dores!  
Praguejo o inferno que nos pôs tão longe,  
Louco bravejo, misero soluço...  
Desejo e morro!

#### A VIRGEM

Linda virgem simelha a linda rosa,  
Que se abre ao romper d'alva;  
Encapulam-se as pétalas mimosas,  
Lacreadas de pudor com rubro selo:  
Cego mortal só lhe respira o incenso;  
Mas dela a abelha extrai seu mel mais puro.

Seu nobre coração é como um templo,  
Onde só Deus habita;  
Ali reina o mistério involto em sombras,  
E maga placidez involta em cantos:  
Só vê isto o profano; mas o antiste  
De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de marmóreo leito  
Sua alma ingênua e bela:  
No fundo não se enxerga o verde limo,  
E a lisa face nos amostra os astros.  
E onde o humilde pastor só vê luzeiros,  
Os anjos lá dos céus contemplam mudos.

E se eu a vejo nos saraus ruidosos,  
C'roada de beleza,  
E a sombra da tristeza irresistível  
Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso;  
Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,  
/que as asas d'oiro, que perdeu, lamenta!

Então como que sinto arrebatá-me  
Simpática atração!  
Quisera doces carmes de ternura  
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa  
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: "Um canto ao menos  
O acerbo exílio teu torne mais brando!"

Baldado empenho! Começado apenas,  
Afrouxa-se-me o canto;  
Debaixo dos meus dedos mal palpita  
A corda melindrosa da minha Harpa;  
E como em espaço, que até d'ar carece,  
Tangida, o extremo som morre sem eco!

#### ROSA NO MAR!

Por uma praia arenosa,  
Vagarosa  
Divagava uma Donzela;

Dá largas ao pensamento,  
Brinca o vento  
Nos soltos cabelos dela.

Leve ruga no semblante  
Vem num instante,  
Que noutra instante se alisa;  
Mais veloz que a sua idéia  
Não volteia,  
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio  
Arfa o seio,  
Pranto ao riso se mistura:  
Doce rir dos céus encanto,  
Leve pranto,  
Que amargo não é, nem dura.

Nesse lugar solitário.  
Seu fadário.  
De ver o mar se recreia;  
De o ver, à tarde, dormente,  
Docemente  
Suspitar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,  
Divagava  
Em seu pensar embebida;  
Tinha no seio uma rosa  
Melindrosa,  
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,  
Quando a rosa  
Do seio no chão lhe cai:  
Vem um'onda bonançosa,  
Qu'impiedosa  
A flor consigo retrai.

A meiga flor sobrenada;  
De agastada,  
A virge' a não quer deixar!  
Bóia a flor; a virgem bela,  
Vai atrás ela,  
Rente, rente – à beira-mar.

Vem a onda bonançosa,  
Vem a rosa;  
Foge a onda, a flor também.  
Se a onda foge, a donzela  
Vai sobre ela!  
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,  
De enfadada  
Não quer deixar de insistir;  
Das vagas menos se espanta,  
Nem com tanta  
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapela  
A virgem bela

Recolhe e leva consigo;  
Tão falaz em calmaria,  
    Como a fria  
Polidez de um falso amigo.

Nas águas alguns instantes,  
    Flutuantes  
Nadaram brancos vestidos:  
Logo o mar todo bonança,  
    A praia cansa  
Com monótonos latidos.

Um doce nome querido  
    Foi ouvido,  
Ia a noite em mais de meia.  
Toda a praia perlustraram,  
    Nem acharam  
Mais que a flor na branca areia.

## O AMOR

Amor! Enlevo d'alma, arroubo, encanto  
Desta existência mísera, onde existes?  
Fino sentir ou mágico transporte,  
(O quer que seja que nos leva a extremos,  
Aos quais não basta a natureza humana;)  
Simpática atração d'almas sinceras  
Que unidas pelo amor, no amor se apuram,  
Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inútil chama ressecou meus lábios,  
Mirrou-me o coração da vida em meio,  
E à terra fez baixar a mente errada  
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!  
Não te pude encontra! – em vão meus anos  
No louco intento esperdicei; gelados,  
Uns após outros a cair precipites  
Na urna do passado os vi; eu triste,  
Amor, pó ti clamava; - e o meu deserto  
Aos meus acentos reboava embalde.

Em vão meu coração por ti se fina,  
Em vão minha alma te compr'ende e busca,  
Em vão meus lábios sôfregos cubiçam  
Libar a taça que aos mortais of'reces!  
Dizem-na funda, inesgotável, meiga;  
Em quanto a vejo rasa, amarga e dura!  
Dizem-na bálsamo, eu veneno a sorvo:  
Prazer, doçura, - eu dor e fel encontro!

Dobrei-me às duras leis que me imposteste,  
Curvei ao jugo teu meu colo humilde,  
Feri-me aos teus ardentes passadores,  
Prendi-me aos teus grilhões, rojei por terra...  
E o lucro?... foram lágrimas perdidas,  
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,  
Desbotada a ilusão e a vida exausta!

Celeste emanção, gratos eflúvios  
Das roseiras do céu; bater macio

Das asas auribranças dalgum anjo,  
Que roça em noite amiga a nossa esfera,  
Centelha e luz do sol que nunca morre;  
És tudo, mais do qu'isto: és luz e vida,  
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,  
Peregrinas essências trescalando!...  
Tão bem passas veloz, - breve te apagas,  
Como duma ave a sombra fugitiva,  
Desgarrada voando à flor de um lago!

#### SEMPRE ELA

Eu amo a doce virgem pensativa,  
Em cujo rosto a palidez se pinta,  
Como nos céus a matutina estrela!  
A dor lhe há desbotado a cor das faces,  
E o sorriso que lhe roça os lábios  
Murcha ledó sorrir nos lábios doutrem.

Tem um timbre de voz que n'alma ecoa,  
Tem expressões d'angélica doçura,  
E a mente do que as ouve, se perfuma  
De amor profundo e de piedade santa,  
E exala eflúvios dum odor suave  
De aloés, de mirra ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente aflita,  
De dor oculta remordida, anseia  
Desabrochar-se em confidência amiga,  
“Neste mundo o qu sou? – triste clamava;  
“Pérsica involta em pó, entre ruínas,  
“Erma e sozinha a revolver-me em pranto!  
“Flor desbotada em hástea já roída,  
“De cujo tronco as outras amarelas  
“Já rojam sobre o pó, já murchas pendem!  
“É sentir e sofrer a minha vida!”  
Merencória dizia, erguendo os olhos  
Aos céus dum claro azul, que lhes sorriam.

Nada o mundo alcion por sobre os mares,  
E próximo a seu fim desata o canto;  
A rosa do Sarão lá se despenha  
Nas águas do Jordão? E como a rosa,  
Como o cisne, do mar entre os perfumes,  
Aos sons duma Harpa interna ela morria!

E como o pastor que avista a linda rosa  
Nas águas da corrente, e como o nauta  
Que vê, que escuta o cisne ir-se embalado  
Sobre as águas do mar, cantado a morte;  
Eu também a segui – a rosa, o cisne,  
Que lá se foi sumir pó clima estranho.

E depois que os meus olhos a perderam,  
Como se perde a estrela em céus infindos,  
Errei pó sobre as ondas do oceano,  
Sentei-me a sombra das florestas virgens,  
Procurando apagar a imagem dela,  
Que tão inteira me ficara n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos  
Meu astro procurei entre os mais astros,  
Qu'outrora amiga sina me fadara!  
Com brilho embaciado e lua incerta  
Nos ares se perdeu antes do ocaso,  
Deixando-me sem norte em mar d'angústias.

## MIMOSA E BELA

### I

Tão bela és, tão mimosa,  
Qual viçosa  
Fresca rosa,  
Que em serena madrugada  
Despontada,  
Rorejada  
Foi pelo orvalho do céu;  
E a aurora que tudo esmalta,  
Brilha reflexos de prata  
No orvalho que ali prendeu.

### II

Quando um penar aflitivo,  
Sem motivo,  
D'improviso  
Tua alma ocupa e entristece,  
Que padece,  
Que esmorece  
Com aquele imaginar;  
Aumenta a tua beleza  
Lânguido véu de tristeza,  
Palor de quem sabe amar.

### III

Assim murcha a sensitiva,  
Sempre viva,  
Sempre esquiva;  
Assim perde o colorido  
Por um toque irrefletido  
Mal sentido:  
Assim vai o nenúfar,  
Como que sofre e tem mágoas,  
Esconder-se em fundas águas,  
Te que o sol torne a brilhar.

### IV

Mas também a flor brincada,  
Perfumada,  
Debruçada  
Sobre a tranqüila corrente,  
Logo sente  
Vir a enchente  
Longe, longe a rouquejar,  
Que a pobrezinha desfolha,  
Sem lhe deixar uma folha,  
Sem deixa-la em seu lugar.



## V

Não consintas pois que as mágoas,  
    Como as águas,  
    Que das fragas  
Furiosas vêm tombando,  
    Vão tomando,  
    Vão levando  
A flor do teu coração!  
Há na vida u'amor somente,  
Um só amor inocente,  
Uma só firme paixão.

## VI

Sê antes flor, bem-fadada,  
    Suspirada,  
    Bafejada  
Pela brisa que a namora,  
Pela frescura da aurora,  
    Que a colora:  
À luz do sol se recreia.  
E de noite se retrata  
Da fonte na lisa prata,  
Quando o céu de luz se arreja.

## AS DUAS AMIGAS

Já vistes sobre a flor de manso lago  
Duas aves brincando solitárias,  
Já pousadas na lisa superfície,  
    Já levantando vôo?

Já vistes duas nuvens no horizonte,  
Branças, orladas com listões de fogo,  
A deslumbrante alvura cambiando  
    Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,  
Abrindo ao romper d'alva as longas asas,  
Onde reflete o sol, como em um prisma,  
    Belas, garridas cores?

Nem as pombas que vagam solitárias,  
Nem as nuvens do ocaso, nem as vagas  
Borboletas gentis que adejam livres  
    Em vale ajardinado:

Tanto não prazem, como doces virgens,  
Airosas, belas, com sorrir singelo,  
Da vida negra e má duros abrolhos  
    Impróvidas calcando.

Quanto há no mundo d'ilusões fagueiras,  
De perfume e de amor, guardam no peito,  
Quanto há de luz no céu mostram nos olhos,  
    Quanto há de belo – n'alma.

Como um jardim seu coração se mostra,

Seus olhos como um lago transparente,  
Sua alma como uma harpa harmoniosa,  
Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruído espanta as aves,  
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,  
E uma gota de orvalho ensopa as asas  
Das leves mariposas.

Desgarrdas voando as aves fogem,  
Dos castelos dos céus perdem-se as nuvens,  
Nem mais adejam borboletas vagas  
Sobre o esmalte das flores.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?  
Depois que derramou grato perfume  
Sobre as asas dos ventos que a bafejam,  
A flor também definha.

Mas um nobre sentir que se enraíza  
No peito da mulher, que menos ame,  
É como essência preciosa e grata,  
Que se lacrou num vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem,  
Leves emanações, gratos eflúvios  
Há de eterno verter da mesma essência,  
Talvez porém mais doces.

## SONHO

Sonhava esta noite, Donzela formosa,  
Já quando as estrelas tombavam no mar,  
Que eu via a meu lado uma esbelta figura  
Divina e mimosa...  
Sonhar é ventura;  
Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véu se cobria  
D'estrêlas fulgentes de brilho sem par;  
O rosto era vosso, era vossa a estatura,  
E o anjo dizia...  
Sonhar é ventura;  
Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um jeito celeste:  
“Afetos que em outro não pude encontrar  
“Por fim me renderam, - paixão lisa e pura - ,  
Que tanto sofreste...  
Sonhar é ventura;  
Deixai-me sonhar!

“Pois tanto sofreste, não devo impiedosa  
“Fineza tão grande por fim mal pagar!”  
Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,  
E uns lábios de rosa...  
Sonhar é ventura;  
Deixai-me sonhar!

E uns lábios de rosa cobrirem-me a fronte

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

